

A Cultura dos Coronéis: O cinema como “o discreto charme da burguesia cacaueira”

Rita Virginia Argollo

Resumo

Este estudo buscou fazer um levantamento das casas de cinema no município de Ilhéus (BA), durante o período de 1940 e 1960, traçando um perfil do comportamento dos chamados coronéis e suas famílias. Foi possível perceber uma espécie de “Belle Époque” cacaueira, uma vez que era comum nessa região viver-se sob a inspiração de hábitos (moda, culinária, decoração e lazer) europeus. Mostramos como homens considerados rudes se preocupavam muito mais com a cultura do que ocorre nos dias atuais em camadas ditas mais intelectuais da população, pois percebemos a existência de cinemas em diversos bairros da cidade, ao tempo em que o principal deles era cercado pelo preciosismo da então elite. Acreditamos, assim, na importância da memória da cultura regional, uma vez que não há nada escrito nesse sentido.

Palavras-chave: cinema, cultura regional, coronéis, história regional, patrimônio

Introdução

O marcante na história de Ilhéus tornou-se a saga dos *plantadores* de cacau. A rica terra, mas de ninguém, em um tempo relativamente curto tornou-se *Eldorado*. Era sinônimo de prosperidade. Muitos povos vieram para cá acalentando o sonho da fortuna, o que transformou a sociedade ilheense em um misto de sotaques - do sergipano ao turco. Os indícios de riqueza haviam surgido já no final do século dezenove. A cidade brindava a chegada do século XX no mais alto estilo.

Foi uma fortuna plantada entre episódios sangrentos, atentados e arruaças, em um cenário formado por um casario de estilo pesado. A velha pinga estava de

lado. Para a ascendente burguesia, era lembrada apenas como uma bebida exótica. Quem bem descreve isto é o autor Silva Campos: “Ilhéus e Itabuna nadavam agora em dinheiro, vivendo-se prodigamente nas duas cidades. Bebia-se champanhe nos bares como aperitivo”¹.

De acordo com Gustavo Falcón, a emergência definitiva da lavoura cacaueteira na economia baiana é marcada nos primeiros trinta anos deste século.

“De pouco mais de três milhões de quilos no final do século XIX, a produção cresceu para mais do quántuplo em 1905, registrando aumentos crescentes até atingir mais de cinquenta milhões de quilos em 1920, com um incremento médio anual de cerca de 1500 toneladas”²

Viver em Ilhéus era o sonho que perpassava a possibilidade de trabalho seguro, o que atraiu muita gente para as terras que ainda hoje têm um fim misterioso, frente à sua vastidão territorial. Para se ter uma idéia, de 1920 a 1940 o crescimento populacional da cidade de Salvador esteve praticamente estacionado. Enquanto isso, pelo menos dezesseis mil famílias foram integradas à lavoura cacaueteira da região sul do estado.

“Hotéis, restaurantes e pastelarias, cine-teatro e tantas outras novidades transformarão a monotonia interiorana ao lado da invasão de um comércio varejista que traz no seu rastro exóticos produtos que passam a ser artigo de consumo da elite local: fonógrafos, pianos *Kohl* de fabricação alemã, máquinas de costura, máquinas de escrever e toda espécie de quinquilharias abarrotarão a praça de Ilhéus”³

Toda essa avalanche de prosperidade trouxe também o cinema. E se o advento da televisão “veio revolucionar a sala de visitas”⁴, o cinema, por sua vez, promoveu sua revolução no campo do lazer. Como o faz hoje em dia a televisão,

¹CAMPOS, Silva. Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Educação, 1981, pp. 370.

²FALCÓN, Gustavo. Os Coronéis do Cacau. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBa, 1995, pp.41.

³FALCÓN, Gustavo. Op. cit., pp.47.

⁴HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos - O breve século XX: 1914 - 1991. São Paulo, Cia das Letras, 2º ed., 1995.

era a “sétima arte” quem impunha o modo de ser e de vestir das pessoas. Estava ali o indicador do comportamento de um público, que via na película projetada na tela, um ideal de vida.

A Belle Époque Cacaueira

Quando recorremos ao cineasta espanhol Luis Buñuel, fazendo alusão ao seu filme “O discreto charme da burguesia” para falar de coronéis do cacau, gostaríamos de chamar a atenção para a forma como os ditos homens rudes que lidavam com terra e jagunços se relacionavam a cultura. Por isso, nos referimos à chamada época áurea do cacau como uma espécie de Belle Époque cacaueira.

Sabe-se que durante muito tempo, exatamente durante o apogeu dos frutos de ouro, as relações dos coronéis locais - considerando aqui os grandes fazendeiros de cacau da região Sul da Bahia - e de suas famílias com o Rio de Janeiro era intensa. A nova elite procurava aprender noções de bons costumes, de relacionamentos com a riqueza, com a classe alta e, conseqüentemente, com a sociedade carioca. O vestir, o sentar-se à mesa, o que servir e tantos outros detalhes. Quando isso não era feito diretamente na grande fonte - a Europa. Eram comuns as vestimentas com tecidos importados e modelos asfixiantes, adequados tão somente ao clima nórdico.

Mas o próprio Rio de Janeiro passou por experiência semelhante - o que o professor Jeffrey D. Needell, um americano especializado em História da América Latina, denominou de *Belle Époque Tropical*, referindo-se a uma Rio de passagem de século:

“Na medida em que o relacionamento neocolonial entre o Brasil e o Atlântico Norte se fortalecia, principalmente depois de 1850, a absorção dos fenômenos culturais europeus aumentou (...). (...) o comércio de luxo, a moda no vestuário e a prostituição elegante -, os quais, articulando profundamente desejos individuais e cenário social, em gritante contraste com as condições brasileiras, são

indicadores do quanto a cultura européia era atraente para a elite carioca”⁵.

Era comum, e fino, comprar imóveis na “Cidade Maravilhosa”, mandar os filhos estudar fora ou, simplesmente (simplesmente?), se hospedar em hotéis de luxo na capital. Uma de nossas entrevistadas, hoje uma senhora, recorda os tempos do seu avô paterno:

Meu avô e Oscar Marinho eram os mais ricos da época. Só que meu avô tinha o costume de se hospedar no Rio. Ele freqüentava o Copacabana Palace. Ele tinha uma vida de luxo! Enquanto o outro bebia café em copinho de geléia, ele tinha a louça dele, decorada com ouro. Não era um homem besta. Tinha um brilhante no dedo, mas não falava em riqueza.

(ENTREVISTA 02)

Na visão de outro entrevistado, isso representa uma certa tristeza:

Infelizmente, foram poucos os capitalistas que se prestaram a investir na cidade. Sempre existiu aqui o chamado ‘*gigolô do cacau*’, que ganhava o dinheiro e ia gastar em Copacabana, em hotéis grã-finos, como o *Hotel Serra D’Or*, no Rio de Janeiro.

(ENTREVISTA 01)

Um exemplo dessa relação entre a realidade local, o que a região proporcionava e o que o dinheiro era capaz de realizar – leia-se trazer de onde fosse – é o fato de encontrarmos nessa época um cinema rural. Apesar de ser uma fazenda, nada impedia a família de desfrutar do mais alto luxo. Da própria construção da casa aos pratos que eram servidos, passando pela decoração do ambiente, tudo era rigorosamente grã-fino:

Nós tínhamos cozinheiro do presidente da República. Nós vivíamos na fazenda como se vivêssemos na cidade. (...) Era alto luxo! Era mesa inglesa (...), três salões de festas. No meu noivado, cada coisa acontecia em um lugar.

(ENTREVISTA 02)

⁵NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo, Cia das Letras. 1993, pp. 185.

O Cinema como “O Obscuro Objeto do Desejo”

No final do ano 2000 o **Cine Santa Clara** foi reaberto – com uma capacidade inferior à original, apesar do avanço tecnológico da estrutura. É o único que existe na cidade atualmente. Tenta ainda hoje conquistar o público, entrar na grande rede de distribuição de filmes.

Mas a cidade já possuiu diversos cinemas. Muitos deles funcionavam paralelamente, na mesma época. E costumavam ficar lotados. No início do século passado - anos 20 -, pouco tempo depois dos irmãos Lumière promoverem a exibição pública da primeira película, Ilhéus já fazia parte do circuito de filmes. Já nesta época havia uma sala de projeção em cima do *Bar Vesúvio*. O mesmo bar citado por Jorge Amado, funciona até hoje no mesmo local - praça Dom Eduardo, ao lado da Catedral. Ficava ali o **Cine Vesúvio**. O dono, Antonio Sá Pereira da Silva Moreira⁶, era também proprietário do *Banco José de Anchieta*. Seu vizinho, o **Cine-Teatro Ilhéus**, que se hoje funciona apenas como teatro e auditório, no seu momento de auge - fim dos anos 40 início dos anos 50 - teve como atividade quase que exclusiva a projeção de filmes. Era um local de luxo. Construído em 1932, foi inaugurado exatamente no dia 22 de dezembro daquele ano, com a presença do então prefeito Eusínio Lavigne. Seu proprietário era Celso Valverde Martins, que recebeu a isenção de impostos da prefeitura por vinte anos. Posteriormente, passou para os cuidados do irmão de Celso, Armindo Valverde Martins. Ficou com ele até meados da década de 50, quando foi vendido para uma dupla que trabalhava com cinema em Itabuna, conhecida como Aguiar e Arlindo. Na sua trajetória de administradores, o **Cine-Teatro Ilhéus** passou ainda pelas mãos de Afonso Cavalcanti e, por último, Fernando Olímpio Rhen da Silva. Mas, ainda na década de 50, o foi fechado.

⁶Este dado foi conseguido através da pesquisa prévia para história oral, em uma entrevista, com fonte da mais alta confiança. No livro *Tuisca, de Moleque a Doutor*, de Soares Lopes Jr, o autor diz ter o sido dono do **Cine Vesúvio** Nicolau Carichio. Portanto, é válido acreditar que pode ter havido mais de um proprietário. De qualquer forma, estão aí os dois nomes.

No seu momento de auge, o **CTI** era puro requinte. Exigia-se, inclusive, traje adequado para ter acesso.

Era todo mundo de gravata. Ninguém entrava de bermuda. Especialmente dia de domingo, ou quando era lançamento de filme.

(ENTREVISTA 03)

As instalações do **Cine-Teatro Ilhéus** eram divididas em *geral* - a parte superior, que ficava próxima à cabine -, *camarotes* - que tinham formato de ferraduras -, e *platéia*. No local onde hoje funciona a sorveteria *Ponto Chic*, havia uma área para as pessoas da platéia fumarem durante os intervalos dos espetáculos. Já o pequeno terraço, exatamente a cobertura daquela área, servia para os fumantes que freqüentavam os camarotes. Para refrescar, foram colocados cerca de oito ventiladores espalhados pelo cinema. Durante as *matinès* a sala ficava completamente fechada, mas à noite dava para abrir as janelas.

Era uma época em que o cinema se caracterizava como o lazer predileto dos ilheenses. O cinema possuía todo um mistério, todo um clima, que atraía. Mesmo quando deixou de ser novidade. A programação do **CTI** era a mais eclética possível. Os filmes românticos compunham o carro-chefe, mas os de guerra, principalmente durante a *II Guerra Mundial*, também atraíam muito. Isso sem falar nos seriados e nas comédias. Havia ainda, vez ou outra, um filme francês ou italiano, para contrabalançar com a avalanche de enlatados americanos. O cinema nacional também causava interesse. É o caso das chanchadas.

O cinema nacional era aceito. E como era aceito! Havia, na época, não sei se em consequência da propaganda de produtos estrangeiros, na década de 50 não se valorizava o produto nacional. Então, na época, os filmes brasileiros - chanchadas - eram tidos como ruins. (...) Mas quando passavam eram uma superlotação. As filas eram as maiores. (...) Filas que dobravam a esquina de onde hoje funciona a 'Lojas Pernambucanas'. (Há

cerca de duas quadras do teatro). (...) Todo mundo queria ver. Como horóscopo: ninguém acredita, mas todo mundo lê.

(ENTREVISTA 01)

Freqüentar cinemas ainda hoje exige um certo ritual. De acordo com cada um, escolhe-se a sala, o filme, o horário, a companhia - ou não - a pipoca. Mas ir ao cinema naquela época era diferente. Era um momento em que uma arte relativamente recente chegava ao acesso de uma sociedade em formação. O cinema trazia o novo, o “tecnológico”, o sonho. E, às vezes, mostrava cenas bastante proibidas na vida real, como belos tornozelos. Ou suntuosos corpos femininos envoltos em uma pequena peça de roupa que passava a integrar o figurino das mulheres - o biquine. Era um delírio...

E o cinema passou a apresentar uma certa nudez que hoje é lugar-comum. Na época não se aparecia com o seio de fora... Quando aparecia de maiô e rebolava... (...) Maria Antonieta mesmo era famosa. Filme com ela, a população da cidade - e principalmente o público masculino -, enchia o cinema, para assistir ao rebolado... (...) Não era proibido! Mas chamava muita atenção... a nudez. Até mesmo o maiô. (...) O cinema era fundamental. Praticamente o único lazer que a população tinha.

(ENTREVISTA 01)

O camarote era para as autoridades e, principalmente, para o prefeito. Este costumava ir sempre aos lançamentos de filmes. Entre os freqüentadores, Dr. Júlio de Sá, que possuía até uma cadeira cativa. Ele ia todos os dias, para lançamentos ou reprises, não importava.

Quando ele morreu, o cinema doou a cadeira cativa. Tirou o assento e colocou o nome dele em uma plaquinha. Ele quando vinha só sentava naquela cadeira. Se tivesse alguém, ele voltava, ia embora. Mas só sentava naquele lugar.

(ENTREVISTA 03)

Crianças só entravam em filmes especificamente infantis, o Juizado de Menores estava sempre de olho. Elas só tinham acesso ao cinema à tarde. Diariamente eram realizadas sessões à tarde e à noite. Quando o filme fazia muito sucesso, havia duas sessões noturnas. O **CTI** como cinema de elite, primava pela ordem. Os únicos “arruaceiros” que apareciam por lá eram os estudantes. Como quase todo grupo de adolescentes, eles também adoravam aprontar. Quando um filme saía de foco, por exemplo, eram eles que na maioria das vezes batiam nas cadeiras e chegavam até a quebrá-las. Quando um filme partia então... Mas sempre foram fatos contornáveis.

Como o cinema é uma daquelas poucas instituições onde todos têm acesso - ricos e pobres, pretos e brancos, donzelas e prostitutas -, sem preconceitos, Ilhéus não sustentaria o elitismo do **CTI**. É certo que com o passar do tempo, com a mudança inclusive - e principalmente - de pensamento da sociedade foi-se abrindo espaço para as outras vertentes sociais. Deixaria de ser uma exclusividade da burguesia, ou dos pseudo-burgueses. Aqueles aspirantes à classe alta.

Havia dentro de Ilhéus uma estratificação social dentro do cinema. Havia cinemas de terceira categoria e havia o cinema de primeira. Freqüentar o **Cine Ilhéus** era símbolo de *status*.
(ENTREVISTA 01)

O “primo-pobre” do **Cine-Teatro Ilhéus** era o antigo **Cine Brasil**, ou melhor, **Cine Poeira** - como era conhecido. Se o primeiro era o melhor, o **Poeira** era freqüentado por uma camada social mais baixa, por isso recebeu tal apelido. Um dia ele também havia ostentado seu luxo, quando ainda se chamava **Vitória Palace**. Mas este deixara de ser um ambiente familiar. Ficou conhecido pelo abandono e sua programação dava ênfase aos seriados. Os cartazes chamavam a atenção por ostentarem títulos como **Flash Gordon** ou **Guerra dos Gangsters**. Encontrar ratos transitando entre as cadeiras não seria surpresa.

O **Cine-Teatro Ilhéus** era um ambiente familiar, o outro era mais livre. Passava filmes de violência, *faroeste* americano, seriados. O

Poeira atraía o público mais assim... que a família não gostava de frequentar. Havia muita zoadá, muita piada. (...) O **Cine-Teatro Ilhéus** era um cinema de elite, o outro era de terceira classe. (...) O outro era mais barato.
(ENTREVISTA 01)

Lá era a turma da bagunça. (Referindo-se ao Cine Poeira)
(ENTREVISTA 03)

Para atender às outras faixas de público, havia então os cinemas de bairro. Proporcionalmente menores e mais simples, eles serviam tanto de sala de projeção quanto de palco para apresentações de peças escolares. O público dispunha desta forma do **Cine Aliança**, um pequeno sobrado situado próximo à Praça Santa Rita, no bairro da Conquista. Uma alta colina, local de classe média baixa, onde ainda hoje vive-se a típica vida interiorana. O **Aliança** também pertenceu a Fernando Olímpio Rhen da Silva e em meados da década de 50 já estava abandonado.

No bairro do Pontal - um lugar mesclado de classe média alta e baixa, o público se divertia no **Cine Ipiranga**, que ficava bem próximo à Praça São João. Foi também entre as décadas de 50 e 60 que funcionou no bairro do Malhado, um bairro popular, um outro cinema. Infelizmente ainda não foi possível identificar o seu nome nem a localização exata. Sabe-se que o forte deste cinema era a projeção de filmes de *cowboy*.

A cidade contou ainda, neste item de salas menores e mais simples, com o **Cine Peri**. Tudo indica que o **Peri** tenha funcionado no centro da cidade, no Calçadão da Marquês de Paranaguá. Mais especificamente em um sobrado, em frente ao prédio do INSS⁷. Aberta por volta de 1925, esta sala pertenceu a Armindo Martins.

⁷Instituto Nacional de Seguridade Social

O **Cine Brasil** funcionou precariamente até, provavelmente, meados da década de oitenta. Hoje, como a maioria dos outros, também faz parte de uma insustentável memória da cidade. Já o **Cine-Teatro Ilhéus** foi gradativamente perdendo sua pompa e com ela foi-se junto a circunstância. Cessaram-se investimentos e melhorias. Nenhuma reforma, muito menos manutenção. No final da década de 50, o **CTI** começou a enfrentar um contínuo processo de degradação. Cortinas, cadeiras, projetor... tudo perdia o brilho e caía no esquecimento de uma geração. E foi para não deixar o público sem um local decente para freqüentar que o comerciante de calçados Alberto Storino criou um cinema no Clube Social de Ilhéus. Um ambiente requintado, onde só iam pessoas “de família”. O **Cinema do Social** funcionava no salão do clube. Todas as noites havia filme e as famílias iam para lá.

Na década de 60, a cidade é presenteada com um cinema moderno para os padrões de então. Acabava de nascer o **Cine Santa Clara**. Localizado na Avenida Soares Lopes, um dos locais mais nobres de Ilhéus, o trazia consigo um novo conceito em cinema, esteve entre as melhores casas de projeção da região - se não a melhor. As paredes eram revestidas com carpete e decoradas com painéis feitos com espelho. Havia a parte inferior e a superior. Bem amplo, dispunha de ar condicionado e ainda de uma bombonière. A programação ficava exposta na fachada, no alto, em um grande letreiro. Era ali o ponto de encontro de uma outra geração - que já pensava em *rock'n roll*.

Em 1984, o **Cine Santa Clara** promovia uma mostra de cinema brasileiro. E o público ilheense, na sua maioria formado por estudantes, pôde assistir a obras-primas nacionais como **Memórias do Cárcere** e **Macunaíma**. Quando começou a febre das ficções estilo *Arnold Shwarzneger*, o **Santa Clara** ainda era o último dos resistentes. Pertenceu à família Silveira, e no princípio dos anos 90 também fechou suas portas.

O fim do **Cine Brasil** foi o mesmo de muitos cinemas país à fora. Foi vendido para a *Igreja Universal do Reino de Deus*. E hoje, ao invés de filmes ou dos seriados “poeira”, a construção abriga cultos evangélicos. Já o **Cine Santa Clara** passou um longo período à venda. E como não funcionava, a parte térrea do prédio, servia de garagem para os moradores do local.

O **Santa Clara** foi um cinema de primeira qualidade. E com o passar do tempo, a falta de manutenção fez com que o cinema desaparecesse.

(ENTREVISTA 01)

Pelo menos parcialmente esta história teve um final feliz - o *happy end*, tal qual as produções mais apreciadas pela maioria. O **Cine-Teatro Ilhéus** foi restaurado - ou melhor reconstruído, pois restavam apenas ruínas. Quando foi fechado, na década de 50, o **CTI** pertencia a Fernando Olimpio Rhen da Silva, e o terreno à família dele. E foi a família que resolveu doar o local à prefeitura para que esta executasse as obras de reconstrução. O prefeito na época era Antonio Olimpio Rhen da Silva - irmão de Fernando Olimpio. Antonio Olimpio estava no final do seu primeiro governo na prefeitura de Ilhéus, mas as obras só foram feitas mesmo no governo seguinte, do prefeito Jabes Ribeiro.

O trabalho foi concluído no dia 28 de junho de 1986 - data do aniversário de Ilhéus. Mas a inauguração só foi feita em 10 de julho daquele ano. O projeto só manteve as características originais da fachada do prédio, era somente o que restava. Na placa de inauguração afixada na entrada, os agradecimentos:

À D. Heloína Rhen da Silva e família, pela doação do imóvel ao município conforme escritura lavrada no cartório do 1º ofício de notas da comarca de Ilhéus, no livro nº 165, folhas 38v - a 46v.

E, por fim, traz a placa: **Cine Teatro-Ilhéos**, como era a grafia original. Só que, infelizmente, desde sua reinauguração, só abrigou obras teatrais, espetáculos

diversos e conferências. Virou Teatro Municipal de Ilhéus. Cinema mesmo, nunca mais...

Uma questão de identidade

O que havia ali, bem na esquina, onde hoje funciona aquela *delicatessen*? Uma pergunta à primeira vista banal, mas que poucos de nós nos fazemos e que demonstra claramente qual o respeito que temos com a nossa trajetória de vida, com o que construímos e destruimos, com o que podemos transformar – numa acepção mais ampla da palavra. É grande o desrespeito que temos com o nosso Patrimônio Histórico; costumamos acreditar que esta é uma preocupação exclusiva das autoridades, do Estado, nos eximimos da nossa quota de participação e fazemos de conta não perceber.

No que se refere à preservação do patrimônio cultural, vale como desafio um “acordo preservacionista” entre as partes envolvidas, tanto sob os aspectos metodológicos quanto práticos.⁸ Mas, como romper com esse vácuo entre o *desejo democrático* e a *realidade injusta*, se não percebemos esse compromisso efetivo? Talvez, uma saída possível para este impasse, tornando tal objetivo um interesse comum, fosse mesmo a persuasão dos sujeitos do processo, através de um trabalho insistente, amplo e educativo.

Tomemos como exemplo a cidade de Ilhéus – frisamos cidade para deixar claro o nosso objeto neste momento, lembrando também das inúmeras riquezas históricas espalhadas pelo município em questão. Particularizando mais um pouco esta discussão, destacamos apenas um aspecto: as casas de cinema existentes na cidade durante as décadas de 40 a 60 do século XX. Este foi o período de maior concentração em número de salas de projeção.

Perguntamos: e o que resta hoje? Quase nada. Exceto o *Cine Teatro Ilhéus*, ou melhor, o *Teatro Municipal de Ilhéus*, e o Cine Santa Clara, o restante foi banido pelo vento do “desenvolvimento”.

Com isso, foi esmagada também uma das opções de lazer prediletas da sociedade local no período em questão – e que, vale lembrar, constitui hoje uma indústria forte no mundo inteiro. Em busca do desenvolvimento, o homem apagou um dos símbolos da cultura urbana; afinal, a partir do século XIX, o cinema cresceu junto com as cidades, transformando cidades tranquilas e se expandindo com as grandes metrópoles mundiais.⁹

Como chama a atenção o cineasta Wim Wenders, “o cinema é o documento histórico do nosso tempo”. O sair de casa, passear pelas calçadas, encontrar amigos, paqueras, comer pipoca, sentar em frente à enorme tela... Tudo isso faz parte de um ritual que marcou a vida de muita gente – um ritual necessário para que o homem possa assim exorcizar as suas ansiedades, dividir os seus desejos, se integrar ao rápido e constante desenvolvimento urbano.

É através da imagem projetada na tela, permeada por uma linguagem universalmente conhecida e compreendida, que o cinema vira um misto de diversão e necessidade do cidadão, sendo que a primeira por si só já é fundamental: “(...) a cidade teve que inventar o cinema para não morrer de tédio. O cinema se funda na cidade e reflete a cidade.”¹⁰

E ainda assim, quase nada restou de tudo o que foi construído nesse campo em Ilhéus. Nos grandes centros urbanos, é justificável que com o crescente índice de violência o homem faça o movimento inverso, trancando-se na própria casa, virando refém do medo e, talvez por isso – entre uma série de outros motivos –

⁸ ARANTES, Antônio Augusto. Repensando os Aspectos Sociais da Sustentabilidade: a conservação integrada do patrimônio ambiental urbano. In: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do departamento de História da PUC – SP, nº 18, São Paulo – SP, 1999, p. 121 a 134.

⁹ WENDERS, Wim. A Paisagem Urbana. In: Revista do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural.

¹⁰ Wenders, op. cit.

deixe de enxergar o espaço público, o patrimônio histórico coletivo, os lugares de lazer, como parte do seu próprio espaço. Talvez, essa quebra de identidade social e cultural, transformando esse num “não-lugar”, rompendo com o vínculo afetivo inerente à questão, tenha contribuído para a degradação daquilo que foi erguido por gerações anteriores à nossa.

Lembramos que, segundo Augè¹¹, o não-lugar seria aquele desprovido de vínculo com o sujeito:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico.

É possível, que o que falte seja a integração homem/meio, de forma que o sujeito se sinta parte integrante desse cenário, pertencente à este enredo, personagem central de um filme que é a sua própria vida.

Bibliografia consultada:

ARANTES, Antônio Augusto. Repensando os Aspectos Sociais da Sustentabilidade: a conservação integrada do patrimônio ambiental urbano. In: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do departamento de História da PUC – SP, nº 18, São Paulo – SP, 1999, p. 121 a 134.

AUGE, Marc. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994

¹¹ AUGÉ, Marc. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade, 3ª edição, Rio de Janeiro – RJ, DP&A, 1999.

WENDERS, Wim. A Paisagem Urbana. In: Revista do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural.